

## EDIÇÕES DE MACHADO DE ASSIS: POR QUÊ, PARA QUÊ?

Alex Sander Luiz Campos<sup>1</sup>  
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais

**Resumo:** Conferência proferida na abertura do Seminário “Machado de Assis e seus textos: edição e recepção”, realizado entre os dias 27 de novembro e 1º de dezembro de 2017 na Universidade Federal do Espírito Santo, *campus* de Goiabeiras. Apresenta e discute as seguintes questões, todas elas relacionadas à obra de Machado de Assis: edições em vida do autor, edições póstumas, entrada da obra em domínio público, instituição da Comissão Machado de Assis, a organização de “obras completas”, a necessidade de novas edições e as possibilidades editoriais favorecidas com a criação da revista *Machadiana Eletrônica*.

**Palavras-chave:** Machado de Assis, edição, Comissão Machado de Assis, *Machadiana Eletrônica*.

Começo minha fala expressando enorme gratidão ao prof. José Américo Miranda, que gentilmente me convidou para proferir a conferência de abertura deste seminário. Minha presença aqui não seria possível sem o apoio da Universidade Federal do Espírito Santo e da instituição em que leciono, o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, *campus* Salinas. A essas instituições meu reconhecimento. Agradeço, de coração, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES, de modo especial à sua coordenadora, a profa. Maria Amélia Dalvi Salgueiro.

Sobre o tema pelo qual fiquei responsável, muito há a ser dito. Quando falamos em “edições de Machado de Assis”, referimo-nos, naturalmente, às edições já existentes e às potenciais edições. E às indagações “por quê?” e “para quê?” talvez seja o caso de acrescentar mais uma: “para quem?”. Durante minha fala, pensarei nessas questões. Antes, porém, penso ser interessante recuperar alguns momentos importantes da história editorial de Machado de Assis, uma história marcada por tantos nomes, iniciativas,

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da área de Linguagens no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus* Salinas.

projetos, interesses; de algum modo, o objetivo maior do grupo de pesquisa do qual sou líder, “Edição e recepção de textos de Machado de Assis” – grupo já certificado pelo IFNMG e integrante do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq –, é, exatamente, escrever mais um capítulo dessa história.

Segundo o levantamento feito por Ubiratan Machado em seu dicionário dedicado a Machado de Assis, levando em consideração as traduções, foram trinta as obras publicadas em livro pelo escritor (MACHADO, 2008, p. 118). Esse número não compreende, naturalmente, as obras póstumas nem uma obra anunciada em vida do autor – o *Livro dos vinte anos* –, que, “com alguma margem de segurança”, não teve a publicação efetivada (MARQUES, 2016, p. 28). Considerando o tempo em que o escritor viveu, foram catorze os editores de seus livros: Francisco de Paula Brito, que em 1861 publicou a tradução *Queda que as mulheres têm para os tolos* e a peça *Desencantos*; o *Diário do Rio de Janeiro*, responsável pela publicação do volume I (que seria o único) de *Teatro* (1863); Serafim José Alves, que na Tipografia da Escola publicou a comédia *Quase Ministro* (1864); Baptiste Louis Garnier, o editor que mais vezes (nove ao todo) lançou primeiras edições machadianas, incluindo três volumes de poesia – *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875) –, três coletâneas de contos – *Contos fluminenses* (1870), *Histórias da meia-noite* (1873) e *Histórias sem data* (1884) – e três romances – *Ressurreição* (1872), *Helena* (1876) e *Quincas Borba* (1891); o Imperial Instituto Artístico, responsável pela publicação da peça *Os deuses de casaca* (1866); a Tipografia Perseverança, que em 1866 publicou o romance *Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo, em tradução de Machado de Assis; a Tipografia Cinco de Março, que em 1873 publicou a versão brasileira, elaborada por Machado de Assis, de obra de Dr. Théophile Gallard, *Higiene para uso dos mestres-escolas*; a empresa Gomes de Oliveira & Cia., que editou o romance *A mão e a luva* (1874); Antônio Augusto da Cruz Coutinho, que editou a tradução por Machado de Assis da peça *O anjo da meia-noite*, de Theodore Barrière e Édouard Plouvier (1876); a firma G. Viana e Cia. Editores, que em 1878 editou o romance *Iaiá Garcia*; a Tipografia Nacional, que, com esse nome, editou o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e, como Imprensa Nacional, foi responsável pela publicação do relatório *Terras* (compilação para estudo, 1886); a Livraria Lombaerts, que editou a comédia *Tu só, tu, puro amor...* em 1881 e, no ano seguinte, editaria a coletânea de contos *Papéis avulsos*; a Livraria Laemmert, responsável pela primeira edição de *Várias histórias* (1896); e,

finalmente, Hippolyte Garnier, que assumiu a direção da editoria e livraria Garnier após o falecimento do irmão, Baptiste Louis, tornando-se editor de seis edições originais de obras machadianas: as coletâneas de contos *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias de casa velha* (1906), os romances *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacob* (1904) e *Memorial de Aires* (1908) e as *Poesias completas* (1901), volume que apresenta os livros de poesia anteriores em versões reelaboradas e acrescenta um novo título à produção do poeta, *Ocidentais*.

Trata-se de uma relação extensa e variada de editores e de obras, porém é preciso lembrar que grande parte da produção de Machado de Assis não foi, em vida do autor, reunida em livro: ficou dispersa em periódicos como a *Marmota Fluminense*, o *Correio Mercantil*, o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Jornal das Famílias*, a *Gazeta de Notícias*, entre tantos outros jornais e revistas. Isso, claro, para não falar de certos casos mais complicados, como correspondências particulares, mensagens escritas em álbuns de autógrafos ou em suportes pouco convencionais (ou pelo menos hoje assim considerados), como litografia e leque. O trabalho de recolha e de edição do material esparsos é, portanto, fundamental – muito já foi feito e ainda vem sendo feito nesse sentido. Entre os principais organizadores de edições póstumas da obra machadiana, podemos citar Mário de Alencar (*Teatro*, 1910; *Crítica*, [1910]; *A semana*, 1914), Lúcia Miguel Pereira (*Casa velha*, 1944), Raimundo Magalhães Júnior (*Contos avulsos*, 1956; *Contos esparsos*, 1956; *Contos esquecidos*, 1956; *Contos recolhidos*, 1956; *Contos sem data*, 1956; *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*, 1956; *Contos e crônicas*, 1958), Galante de Sousa (*Poesia e prosa*, 1957), Jean-Michel Massa (*Dispersos de Machado de Assis*, 1965) e John Gledson (*Bons dias!*, 1990, *A semana: crônicas, 1892-1893*, 1996; *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998), numa lista incompleta e apenas ilustrativa. Talvez a edição em livro mais recente de trabalhos esparsos seja a organizada por Mauro Rosso para a Academia Brasileira de Letras (*Textos inéditos em livro*, 2014); vários textos de Machado de Assis recentemente recuperados por pesquisadores como Felipe Rissato, José Américo Miranda e Wilton Marques ainda aguardam a publicação em livro.

Mesmo considerando apenas a produção publicada em vida por Machado de Assis no suporte livro, estamos diante de obras que tiveram distintas repercussões, histórias editoriais bem diversas. Por um lado, temos obras – como, por exemplo, as que integram o que se convencionou chamar de “trilogia realista” (*Memórias póstumas de*

*Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*) – que dispõem de edições críticas, edições comemorativas, ilustradas, edições didáticas, comentadas, bons fac-símiles eletrônicos das primeiras edições, bom número de traduções, releituras audiovisuais etc., sem mencionar a fortuna crítica considerável construída em torno de cada uma. Por outro lado, temos obras da chamada “fase madura” de Machado de Assis que ainda não contam com edições críticas – *Papéis avulsos* e *Páginas recolhidas* –, obras que não mais foram editadas conforme a última vontade do autor, como *Poesias completas*, e uma obra ainda não reeditada, a compilação *Terras*. Verdade é que boas surpresas apareceram nos últimos anos, como a reedição das traduções d’*Os trabalhadores do mar*, de Victor Hugo, e de *Higiene para uso dos mestres-escolas*, de Théophile Gallard (esta apareceu no volume *Textos inéditos em livro*, organizado por Mauro Rosso; aquela foi publicada em bela edição pela Cosac Naify, em 2013); a edição fac-similar impressa, em volume único, de todos os números d’*O Espelho* (revista semanal de literatura, modas, indústria e artes), em que há colaborações de Machado de Assis (2008); a criação do *site* “Machado de Assis.net”, idealizado pela pesquisadora Marta de Senna, que se tem mostrado ferramenta excelente para leitores e pesquisadores no que diz respeito à localização de citações e alusões na obra machadiana – além dos romances e contos publicados em livro em vida do autor, o *site* também oferece boas edições das narrativas curtas originalmente publicadas apenas na imprensa. E auspiciosa é a notícia da preparação de uma edição crítica de *Papéis avulsos* – projeto coordenado pela pesquisadora Ceila Ferreira Martins no Laboratório de Ecdótica (LABEC) da Universidade Federal Fluminense.

Dos editores que tiveram a oportunidade de trabalhar diretamente com Machado de Assis, os irmãos Garnier – Baptiste Louis e Hippolyte – devem ser especialmente lembrados. Talvez suas ações e decisões, como editores, tenham sido as mais repercussivas, em vários sentidos: no que diz respeito às relações pessoais e intelectuais de Machado de Assis, no que concerne aos rumos que a edição de sua obra tomaria. Foi a Livraria Garnier, na década de 1860, um dos espaços mais frequentados por Machado; em crônica da maturidade (“A semana”, 8 de outubro de 1893), a livraria seria reportada como “ponto de conversação e de encontro”. Nesse espaço o escritor pôde iniciar o diálogo com José de Alencar, romancista que escolheria, décadas depois, como patrono da sua cadeira na Academia Brasileira de Letras: “Sentados os dois, em frente à rua, quantas vezes tratamos daqueles negócios de arte e poesia, de estilo e imaginação, que

valem todas as canseiras deste mundo” (ASSIS, 2015, v. 2, p. 617). Ubiratan Machado lembra, no verbete do *Dicionário de Machado de Assis* dedicado a Baptiste Louis Garnier, que Machado de Assis considerava o francês, como editor, o sucessor legítimo de Paula Brito. Lembra também que “[o] bom relacionamento entre editor e escritor contribuiu, pelo lado financeiro, para a realização do casamento de Machado” (MACHADO, 2008, p. 143). Após o falecimento de Baptiste Louis, em 1893, a direção da editora e livraria Garnier seria assumida por Hippolyte. Em 16 de janeiro de 1899, Machado vendeu a esse editor, por oito contos, a propriedade inteira e perpétua de sua obra literária. Poucos meses depois, Hippolyte seria responsável por inviabilizar a tradução de alguns livros de Machado para a língua alemã, prejudicando ou pelo menos adiando a divulgação internacional de sua obra. Já no século XX, Machado registraria, em seu testamento (redigido em 31 de maio de 1906): “A propriedade das minhas obras literárias pertence ao meu editor H. Garnier, rua do Ouvidor n. 71, Rio de Janeiro e rue des Saints-Pères, n. 6, Paris”. Nesse mesmo documento indicaria o nome de Julien Lansac, gerente da Casa Garnier, como um de seus testamentários.

O próximo capítulo dessa história inicia-se em 1935, quando os direitos autorais de Machado de Assis, então pertencentes à editora Garnier, são comprados pela editora Jackson (cf. JUSTIÇA..., p. 7). Dois anos depois (1937) é lançada a primeira edição de “obras completas” por W. M. Jackson Inc. Editores, em 31 volumes.<sup>2</sup> Vale a pena reproduzir o que sobre essa edição escreveu Ubiratan Machado, no *Dicionário de Machado de Assis*:

Reunindo toda a produção do escritor conhecida à época, além de textos inéditos em livro, ela deve ser encarada com extrema reserva, tendo sido mais prejudicial do que benéfica à difusão da obra machadiana. O critério adotado desrespeitou a fidedignidade ao original e, por vezes, violentou o pensamento de Machado. Os editores mudaram trabalhos de um volume para outro, introduziram matérias inéditas não assinadas, sem qualquer comprovação de autoria, deixaram de incluir outras (como alguns poemas das

---

<sup>2</sup> Por “obras completas” entendemos as edições que, em maior ou menor medida, supõem trazer a totalidade (ainda que precária) da obra de um escritor. Recebem, por vezes, o título *Obras completas*, e outras vezes valem-se do singular, *Obra completa* (é o caso da edição – de Machado de Assis – mais recente do tipo, a publicada em 2015 pela Nova Aguilar). Os critérios de preparação e seleção dos textos são bastante flutuantes: certas edições aspiram à completude, ao passo que outras limitam-se às obras publicadas em vida pelo autor, oferecendo ou não uma recolha de textos esparsos. A edição W. M. Jackson de 1937 certamente inclui-se nesse tipo de edição, a que aqui nos referimos como “obras completas”, embora seus volumes não sejam unificados por um título; o título, *Obras completas de Machado de Assis*, só foi usado por essa editora a partir da década de 1950.

Crisálidas rejeitados por Machado nas Poesias Completas, apesar de garantirem a inclusão de todos os poemas suprimidos), alteraram o texto, sem o menor respeito pelo legado do escritor, desvirtuando-o grosseiramente, suprimiram epígrafes, como a de Montaigne nas Páginas Recolhidas, inutilizaram citações, alteraram títulos, além de inúmeras gralhas tipográficas. (MACHADO, 2008, p. 359-360)

Em 20 de junho de 1939, durante a comemoração do primeiro centenário de nascimento de Machado de Assis, um decreto-lei, assinado pelo ministro da Educação, Gustavo Capanema, e pelo presidente, Getúlio Vargas, parecia dar início a uma nova etapa no que diz respeito à edição da obra machadiana. Com o intuito de comemorar “de modo condigno” o centenário do grande escritor brasileiro, o decreto-lei citava, entre as ações governamentais, a inauguração de uma exposição, a instituição de prêmios literários e a promoção “de uma edição crítica das obras completas de Machado de Assis”. Felizmente, a Exposição foi efetivamente montada e inaugurada, permitindo o acesso a documentos preciosos relacionados a Machado de Assis e dando origem a uma publicação relevante para os estudos machadianos – o Catálogo da Exposição. No que diz respeito à edição crítica das obras machadianas, no entanto, seria preciso esperar por outra iniciativa governamental. Durante a década de 1940 e quase toda a década de 1950, a editora Jackson manteria o monopólio sobre a publicação de Machado de Assis. Conforme Ubiratan Machado,

[n]a década de [19]50, a editora reviu toda a obra, ajustando-a à nova ortografia. Uma catástrofe. Salvou-se apenas o volume de *Várias Histórias*, a cargo de Aurélio Buarque de Holanda. Os outros trinta volumes, revistos por Henrique de Campos e Ary de Mesquita, foram um desrespeito à obra machadiana, sobretudo os que estiveram a cargo do segundo, que constantemente “corrigia” o texto machadiano. (MACHADO, 2008, p. 360)

Tal situação muito desagradava a intelectualidade brasileira; parece ter havido, então, certo consenso quanto à baixa qualidade editorial com que vinha sendo posta no mercado a obra de Machado de Assis. Felizmente, um dos descontentes com essa situação teve a sensibilidade de agir. Ele próprio, Autran Dourado, é quem contaria essa história no seu *Gaiola aberta*, livro de memórias lançado em 2000. Autran Dourado foi secretário de imprensa da República de 1958 a 1961, no governo Juscelino Kubistchek. Após definir o “bom mentiroso” como um “grande artista” (DOURADO, 2013, p. 142), relata:

Pois as mentiras que passei quando servia a Juscelino nunca foram perfeitas, quase sempre eram deslindadas por ele; menos uma, que teve seu efeito alcançado e atingiu o mundo cultural de uma maneira espetacular e perfeita. Trata-se do domínio público da obra de Machado de Assis, declarado por JK, que começou por uma mentira minha, que fui desenvolvendo com inteligência e cautela e acabou por virar uma verdade extraordinária, um dos atos fundamentais do seu governo.

Eu sempre achei uma coisa incrível que o Brasil não tivesse um texto correto do seu escritor nacional, quando nada uma edição crítica. Como a Espanha tem de Cervantes, como a Itália tem de Dante. As obras completas de Machado de Assis eram consideradas pela Jackson Inc. como sendo de propriedade dela. Quando se levantava na imprensa o assunto, apontando-se os seus erros e as imperfeições de seus textos, lá vinha ela com pareceres caríssimos de juristas de aluguel, provando que Machado de Assis era monopólio dela. E assim a coisa ia se passando e a Jackson enriquecendo. Conversei com o meu amigo machadiano, o mais fanático que conheci, Marco Aurélio Matos, filho de outro machadiano emérito, Mário Matos, biógrafo do velho autor nacional. Marco Aurélio me perguntou se não havia jeito de interessar o presidente no assunto. Tentei duas ou três vezes, ele se mostrou indiferente. JK, pelo seu temperamento, era como o visconde de Bradomin, personagem de Ramón del Valle-Inclán – um Don Juan admirável, o mais admirável talvez: era feio, católico e sentimental, qualidades opostas à do feitio de um bom leitor de Machado de Assis, que era pessimista, cético, humorista de sutil sorriso.

Foi então que me ocorreu a ideia de uma grande mentira. Disse ao Marco Aurélio que o presidente estava interessadíssimo em desapropriar a obra do grande escritor ou de declará-la de domínio público, só carecia de apoio popular e cultural, sobretudo jurídico, pois lhe teriam dito que a obra era legalmente da Jackson Inc. E ele lê Machado? disse Marco Aurélio. Pelo tipo psicológico não parece. Algum amor mal contrariado, ultimamente só tem lido o mestre, disse eu.

O Marco Aurélio, a meu pedido, passou a reunir no seu apartamento todos os jornalistas machadianos que conhecíamos. Carlos Castelo Branco, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Armando Nogueira são os nomes que me ocorrem no momento. Eu resolvi então agir ligeiro, o meu plano podia falhar se a Jackson soubesse. Procurei o dr. Gonçalves de Oliveira, consultor-geral da República, a quem disse que o presidente estava interessadíssimo em considerar a obra de Machado de Assis de domínio público. O caso é sério, diga a ele que eu preciso de uma semana para estudar bem o assunto e dar o meu parecer.

Finda a semana, apanhei com ele o parecer (muitíssimo bem fundamentado, diga-se de passagem), os jornalistas que faziam parte do complô providenciaram os fotógrafos para o dia seguinte, quando o presidente assinaria o ato. Levei comigo para o palácio o meu exemplar de *Dom Casmurro*, disse ao presidente que fingisse que estava lendo. O que você está me aprontando, me perguntou. Basta assinar aqui, amanhã o senhor vai ver que maravilha. No alto do

parecer estava escrito apenas APROVO. JK assinou sem me perguntar o que era.

No dia seguinte foi fotografia de JK na primeira página de todos os jornais. Quando entrei no seu gabinete, ele disse isso, sim, é que é serviço. Eu não entendo a imprensa: fiz uma coisinha de nada e veja que repercussão. (DOURADO, 2013, p. 144-146)

A obra de Machado de Assis foi declarada domínio público por meio de despacho datado de 15 de setembro de 1958. No dia 19, uma portaria instituiu a Comissão Machado de Assis, que teria o objetivo de consolidar, de estabelecer criticamente o texto machadiano. Segundo José Pereira da Silva, autor do artigo “A Comissão Machado de Assis e a crítica textual no Brasil”, a referida comissão “foi a primeira equipe brasileira de significativa importância que tratou teórica e praticamente a questão da edição crítica no Brasil e ainda é a base para o desenvolvimento da técnica da edição crítica de textos modernos com objetivos lingüísticos, filológicos e literários”. Ainda segundo esse autor, depois dos trabalhos da Comissão Machado de Assis, “outras equipes já se constituíram e fizeram trabalhos importantes, tanto no Brasil como em Portugal, como é o caso da equipe que trata da obra de Fernando Pessoa e da que trabalha na edição da obra de Eça de Queiroz” (SILVA, p. 6). Talvez o nome mais decisivo para os trabalhos da Comissão tenha sido o de Antônio Houaiss, que publicou a “Introdução ao texto crítico das *Memórias póstumas de Brás Cubas*” como suplemento da *Revista do Livro* em setembro de 1959. Esse texto seria reproduzido na edição crítica do referido romance, que veio à luz em 1960 e ganharia segunda edição em 1977. Também está incluído no livro *Elementos de bibliologia* (1. ed., 1967).

O leitor do *Correio da Manhã*, especialmente na década de 1960, poderia acompanhar, por meio de pequenas notas publicadas principalmente na seção “Teatro das letras”, o andamento dos trabalhos da Comissão Machado de Assis. Graças a essa fonte temos hoje registro de alguns momentos importantes e por vezes tocantes: a conclusão do trabalho com os romances e início do trabalho com os contos e crônicas; a passagem do estudioso francês Jean-Michel Massa por uma das sessões da Comissão; a prisão de um de seus membros (o fundador do Partido Comunista Brasileiro, Astrojildo Pereira); a morte trágica, em acidente aéreo, da única mulher presente na Comissão como membro efetivo, Lúcia Miguel Pereira (cf. VÁRIAS, 1962, p. 2; A LITERATURA BRASILEIRA..., 1960, p. 9; ESCRITOR..., 1964, p. 3; MEYER, 1960, p. 8). Uma nota humorística intitulada “Como pronunciava Machado de Assis”,



publicada em 16 de julho de 1960, brincava com o critério da Comissão de buscar preservar, na escrita, tudo quanto pudesse indicar fato linguístico:

Numa das últimas reuniões da Comissão Machado de Assis, discutia-se o preparo do texto crítico do “Memorial de Aires”, do qual foi incumbido o professor Antônio José Chediak. E surgiam dúvidas sobre a grafia de certas palavras, que devia ser fixada de acôrdo com a prosódia de Machado, coisa difícil de presumir-se. Estabeleceu-se por exemplo, a questão: Machado diria “commigo” fazendo a nasalidade do pronome, ou “comigo”, como se escreve hoje. Trocavam-se alvitre e quando a discussão dêsse ponto ia mais viva, Peregrino Júnior interrompeu observando:

– Os senhores se esquecem que Machado de Assis não diria provavelmente “commigo” nem “comigo” e sim “co... co...migo”, porque era gago. (COMO PRONUNCIAVA..., 1960, p. 9)

Infelizmente, a Comissão não elaborou edições críticas de todos os livros programados: ficaram de fora as coletâneas *Papéis avulsos* e *Páginas recolhidas* e as obras póstumas recolhidas por Mário de Alencar e Raimundo Magalhães Júnior. No início do século XXI, ainda viviam dois membros efetivos da Comissão: Antônio José Chediak e Josué Montello; em homenagem póstuma a Chediak na Academia Brasileira de Letras, Evanildo Bechara lembrou a participação do filólogo na Comissão Machado de Assis,

que funcionou junto a esta Academia, para estabelecimento de texto das obras de Machado de Assis, nitidamente inspirada pelo movimento de Crítica Textual defendido por Celso Cunha e Antônio Houaiss. Essa Comissão, que logo se identificou como o mais ambicioso projeto ecdótico da literatura brasileira, impõe-se que seja prosseguida, para completar a tarefa que a inspirou. (BECHARA, 2007, p. 177)

Apesar das palavras de Bechara em 2007, uma década depois (2018) não tivemos notícia de prosseguimento da Comissão Machado de Assis.

Além de trazer um texto bem cuidado de boa parte das obras publicadas em vida do autor, a Comissão facilitou ao leitor o acesso a pelo menos dois textos então de difícil acesso: a versão em folhetim de *Quincas Borba* e o capítulo “O agregado”, que depois passaria a integrar, com modificações, o romance *Dom Casmurro*.

Logo após a entrada em domínio público da obra machadiana, antecipando-se à efetiva publicação das edições críticas da Comissão instituída pelo governo Juscelino

Kubitschek, a editora José Aguilar já colocava à disposição do leitor, em 1959, a primeira edição de sua *Obra completa*, com organização de Afrânio Coutinho. Já o título da edição marcava uma diferença em relação ao trabalho publicado pela Jackson: não se tratava de *Obras completas* de Machado, mas da *Obra completa*. O texto agora entregue ao leitor, sob responsabilidade de José Galante de Sousa, é bem melhor que o da Jackson. Sem ser uma edição crítica, essa edição pretendeu, nas palavras de Afrânio Coutinho, seu organizador, apresentar o que chamava de “texto crítico” ou “texto fiel, na forma mais próxima possível à vontade do autor, em que são respeitados e reproduzidos, exata e rigorosamente, os fatos lingüísticos, estilísticos, estéticos, intelectuais, da obra” (COUTINHO. In: ASSIS, 1994, v. 1, p. 11, em itálico no original). Outra grande contribuição dessa edição são seus excelentes paratextos, que incluem prefácios, bibliografia, índices de vários tipos. Reunindo um extenso *corpus* em três volumes e utilizando-se do papel-bíblia (também conhecido como papel da índia), é uma das edições mais citadas em importantes obras da fortuna crítica de Machado de Assis.

A principal crítica a ser feita a essa edição talvez seja a concepção um tanto ou quanto reduzida do que ela entende por “obra” de um autor. O critério adotado foi incluir, na íntegra, apenas as obras publicadas em livro em vida do autor, e mesmo assim “elimina[ndo] eventualmente tudo o que estiver fora dos gêneros literários tradicionais, e por consequência todos os escritos de caráter científico” (COUTINHO. In: ASSIS, 1994, p. 13). Isso resultou na exclusão de boa parte das crônicas e na não consideração de obras como *Higiene para uso dos mestres-escolas* e *Terra*, que, embora rigorosamente não sejam literárias, podem interessar aos leitores e pesquisadores de Machado de Assis. Sobre a primeira dessas obras, por exemplo, Hélio de Seixas Guimarães, após citar um fragmento em que há descrição de hemorragia de uma artéria, faz a seguinte reflexão: “Qualquer relação com o modo distanciado e frio com o qual muitos dos narradores machadianos tratam de situações extremas e aflitivas (lembramos de “A causa secreta”, “Pai contra mãe”, “O autor de si mesmo”...) talvez não seja mera coincidência.” (GUIMARÃES, 2015, p. 337).

Em 2006, John Gledson, em seu livro de ensaios *Por um novo Machado de Assis*, ofereceu-nos um interessante “guia rápido” das obras machadianas, comentando suas principais edições, destacando avanços e deficiências. No que diz respeito aos romances e contos publicados em livro por Machado, recomenda a série da livraria

Garnier com texto fixado por Adriano da Gama Kury. Segundo esse pesquisador, as principais deficiências nas “obras completas” da Jackson e da Aguilar estão relacionadas aos contos e crônicas que Machado não publicou em livro – tais edições trazem ainda um repertório reduzido (GLEDSON, 2006, p. 32-33).

Essa situação melhoraria em 2008, quando a edição da Aguilar (já com o nome de editora Nova Aguilar, não mais José Aguilar, como na primeira edição) ganha mais um volume, passando para quatro.<sup>3</sup> O último desses volumes, aliás, é dedicado quase inteiramente às crônicas, trazendo um *corpus* bem maior. Conforme observou Ana Claudia Suriani, “[à] nova edição, foram incorporados 75 poemas, [...]; oito peças de teatro; 67 contos; três séries inteiras de crônicas. A seção ‘Miscelânea’ reuniu, por exemplo, os textos publicados nas seções ‘Crítica’ e ‘Miscelânea’ da edição de 1959, incorporando 11 escritos, como as curtas séries ‘As ideias vagas’ e ‘Os cegos’ (In: SILVA *et al.*, 2009, p. 34). Desde 2008, salvo melhor entendimento, a edição da Aguilar passou a ser de responsabilidade de novos organizadores: Aluizio Leite, Ana Lima Cecilio e Heloisa Jahn. Se o *corpus* foi ampliado, isso não quer dizer que tal edição tenha ficado ao abrigo de críticas. Ela não atenderia, por exemplo, às expectativas de Jean-Michel Massa, grande machadiano que infelizmente não se encontra mais entre nós. Em texto escrito especialmente para as comemorações do centenário de morte de Machado, em 2008, Massa desejava ver naquele ano

o fim de uma anomalia lamentável, a ausência de uma verdadeira edição das obras completas do escritor, aquele que, por unanimidade – e muito justamente – consideramos o maior escritor brasileiro. A [edição] menos ruim, e a mais completa, ainda é a edição Jackson, mas está ultrapassada. A edição de Afrânio Coutinho, da Aguilar, para ser completa, deveria ter sete volumes e não três. As grandes nações têm uma ou várias edições completas de seus escritores faróis: Dante, Shakespeare, Camões, Cervantes, Molière, Racine ou Victor Hugo. Paradoxo, para o leitor brasileiro ou estrangeiro, um bom terço da

---

<sup>3</sup> A *Obra completa em quatro volumes*, de 2008, informa ser a segunda edição. Muito provavelmente, a editora considerou, como primeira edição, a *Obra completa* em três volumes, publicada em 1959 pela José Aguilar – essa edição em três volumes contou com onze reimpressões: nos anos de 1962, 1971, 1979, 1985, 1986, 1990, 1992, 1994, 1997, 2004 e 2006 (cf. ASSIS, 2006, v. 3, p. 8). 2008 foi o ano do primeiro centenário de morte de Machado de Assis (havia, aliás, sido instituído como Ano Nacional Machado de Assis, pela Lei nº 11.522, de 18 de setembro de 2007) e grandes lançamentos editoriais marcaram a data. Certamente a *Obra completa* com um volume a mais foi o maior deles. Ver, a esse respeito, SILVA *et al.*, 2009. Em 2015, seria publicada a terceira edição da *Obra completa* da Aguilar, ainda com quatro volumes, mas em volumes maiores, o que permitiu aumentar o tamanho da letra e propiciar uma leitura mais confortável.

obra [de Machado de Assis] está inacessível. Fiquemos atentos, e oremos... O Ministério da Cultura existe? (MASSA, 2008, p. 220)

Em evento realizado em 2009 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, “Machado de Assis: balanço e perspectivas de um centenário”, houve uma mesa-redonda intitulada “Edições e reedições do centenário”, com participações de Ana Cláudia Suriani da Silva, João Roberto Faria, Ivan Marques e Lúcia Granja, além de outras intervenções. Silva pôde, na ocasião, mostrar que o texto da *Obra completa* da Aguilar de 2008 seguia em muitos passos o texto – equivocado – de edições W. M. Jackson, ou seja, não se tratava de um texto confiável. A intervenção de Antonio Dimas, após essa exposição, foi bastante expressiva:

Eu queria falar [...] a respeito desse oportunismo editorial hoje em dia [...]. Eu acho que já está na hora, digamos que entre nós, minha proposta concreta é esta: de juntar esforços, da Casa de Rui, por exemplo, e nós daqui da universidade, da UFRJ e da UFMG, no sentido de fazer uma reunião, digamos assim, não precisa ser o mês que vem, não precisa ser daqui a um ano, mas pensar numa coisa em que, digamos, nós disséssemos, tivéssemos, mostrássemos a esses editores que existem critérios para construir uma política editorial neste país.

[...]

Eu acho, Marta [de Senna], que está na hora da gente sentar, juntar os esforços e fazer essas edições. Não são reuniões para se discutir o foco narrativo ou o hemistíquio do poema, não é nada disso. Isso daí tem gente que faz, até nós podemos fazer isso eventualmente. Mas nós também temos que ter uma interferência prática nessa coisa. É muito interessante você discutir formalidades poéticas, não é? Mas eu acho também que está na hora de a universidade mostrar para essa gente que pode fazer esse tipo de coisa. O que é sinônimo de acadêmico hoje em dia? Acadêmico é chato. Nós só temos opiniões bizantinas, nós só temos opiniões absolutamente irrelevantes. Então está na hora de mostrar que existe também gente que está atenta a esse tipo de coisa. Esta é uma função social da universidade. Sem dúvida nenhuma. (In: SILVA *et al.*, 2009, p. 58-60)

Em 2013, John Gledson escreveu um texto sobre a situação editorial das crônicas de Machado de Assis. Embora mostrando os avanços da edição Aguilar de 2008, afirmou não ser ela a última palavra sobre a crônica de Machado de Assis (a esse respeito, vale a pena ler o texto todo: GLEDSON, 2013, p. 313-319). Ainda sobre a crônica, há um problema que precisa ser enfrentado: Machado participou de séries

coletivas, como as do Dr. Semana, “Pontos e vírgulas” e “Badaladas”, compartilhando um mesmo pseudônimo com vários autores. Geralmente, essas séries são excluídas das edições de crônicas, mas é interessante tentar estabelecer a autoria de quantas crônicas for possível, e, no caso de impossibilidade, reconhecer a existência de uma área de “autoria duvidosa” na crônica de Machado de Assis.

Em 2015, a Nova Aguilar lançou nova edição da *Obra completa*, adequando o texto ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009. Infelizmente, muitos erros persistiram, e até novos apareceram.

Talvez a resposta à pergunta “por que a edição de Machado de Assis?” já esteja implícita nesse breve relato: apesar de tantas gerações terem se debruçado sobre esses textos, ainda há muito a ser feito, principalmente no que se refere ao cotejo com as melhores edições, as fontes primárias. Talvez por facilidades no processo editorial, erros têm sido passados de uma edição para outra. Também, há de se considerar a incompletude das “obras completas”, que não trazem, sobretudo, os textos considerados menores de Machado de Assis, como as traduções de romances, obras coletivas e colaborações (como a participação num dicionário, publicado em 1877, dedicado à náutica, à vida marítima).

Ainda que tenhamos um dia uma edição minimamente confiável das “obras completas” de Machado, devemos considerar também a necessidade, por vezes, de diversos tipos de edição. Em uma pesquisa, é preciso às vezes citar edições específicas de determinada obra (primeiras edições, manuscritos, versões para publicação na imprensa, etc.). Há também o problema dos tantos textos ainda de autoria duvidosa, que exigem um aparato considerável, acompanhamento por estudos. A opção pela edição eletrônica é, portanto, bastante interessante.<sup>4</sup> Ela permite correções, melhorias e edições alternativas. Nada impede, claro, que no futuro, com um texto, digamos, “amadurecido”, “aprovado” pela comunidade de estudiosos e leitores, possamos pensar em uma edição impressa.

Poderíamos dar vários exemplos de erros e deficiências das edições atuais. Alguns deles foram encontradas durante a elaboração de tese de doutorado, defendida pela Universidade Federal de Minas Gerais no início deste ano (2017). Intitula-se “Da

---

<sup>4</sup> Referimo-nos, aqui, de modo especial, à revista *Machadiana Eletrônica*.

colaboração de Machado de Assis na revista luso-brasileira *O Futuro: literatura e vida literária, 1862-1863*” e foi orientada pela profa. Maria Cecília Bruzzi Boechat.

O primeiro exemplo mostra como o pensamento do autor pode ser distorcido quando a edição não é bem cuidada. Em 1862, tecendo algumas apreciações a respeito da recém-lançada poesia de Antônio Feliciano de Castilho incluída em *Tributo à memória de Sua Majestade Fidelíssima o Senhor Dom Pedro Quinto, o muito amado* – livro publicado em parceria com o irmão, José Feliciano de Castilho –, Machado de Assis notou que, em boa parte daquela poesia, “[o] pensamento [...] é pobre”; outra avaliação, porém, Machado fez quando se atentou aos versos alexandrinos. Nesses, pôde observar: “a forma cresceu de formosura e de arte, e por ventura o pensamento apareceu e mais original. / O verso prestava-se e o poeta é nele eminente e único”. Para a reprodução correta desse trecho, podemos usar o fac-símile do *Diário do Rio de Janeiro*, periódico em que saíram os “Comentários da semana” (essa edição está presente na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional), ou então recorrer à boa edição dos “Comentários da semana” lançada pela ed. da Unicamp em 2008, com organização de Lúcia Granja e Jefferson Cano. Quem utilizar a *Obra completa* da Aguilar, no entanto, encontrará grave erro de transcrição. Nessa edição, lê-se: “e porventura o pensamento apareceu menos original” (ASSIS, 2015, v. 4, p. 59).

O segundo problema também tem a ver com a transcrição do texto machadiano e mais uma vez aparece numa crônica, agora publicada originalmente na revista *O Futuro* de 30 de novembro de 1862. Trata-se de uma referência literária presente no texto machadiano que veio a ser “apagada” nas edições da crônica em livro: Alexandre Dumas (pai). Na passagem “um destes olhos do Céu, que nós chamamos estrelas, e Dumas faíscas dos pés do Omnipotente” (transcrição feita a partir do fac-símile, disponível no *site* da Biblioteca Guita e José Mindlin, da USP), salvo melhor entendimento, o cronista cita Dumas, pai, talvez algum trecho de suas *Causeries*. Pelo menos, a lógica gramatical da sentença possibilita essa interpretação: os “óculos do céu” são as estrelas na fala comum e as “faíscas dos pés do Omnipotente” na expressão de Dumas. Não foi assim que o trecho veio a ser interpretado nas edições em livro. Cita-se apenas a publicada pela Editora da Unicamp, edição em muitos aspectos confiável, que traz a seguinte redação: “um destes óculos do Céu que nós chamamos estrelas, e de umas faíscas dos pés do Onipotente” (ASSIS, 2014, p. 51). Rodrigo Camargo de Godoi, o preparador dessa edição, menciona em rodapé a lição da revista, “Dumas” (p. 55, n.

16), interpretando-a, equivocadamente, a nosso ver, como uma contração (“de” + “umas”).

Certos problemas encontrados em edições de Machado de Assis têm a ver com aspectos gráficos. Um deles encontramos durante a elaboração de uma edição do poema “O acordar da Polônia”, cuja última redação por Machado de Assis traria o título “Polônia”. O poema é composto por versos decassílabos por vezes alternados com versos hexassílabos, os chamados “decassílabos quebrados”. Quando aparecem os hexassílabos, há uma entrada no verso, da seguinte forma (a edição apresentada é nossa, a partir do fac-símile da revista *O Futuro*):

Eras livre, tão livre como as águas  
Do teu formoso, celebrado rio;  
    A coroa dos tempos  
    Cingia-te a cabeça veneranda,  
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,  
A santa liberdade,  
Como junto de um berço precioso,  
    À porta de teus lares vigiava.

No entanto, ocorre em determinado trecho do poema que o “verso” seguinte não é verso hexassílabo, mas parte do verso decassílabo que ficou deslocada:

Correu sobre o teu rosto!  
    Deus continha

Trata-se, nesse caso, de um só verso, apenas disposto em duas linhas. A distinção entre verso e linha é importante na edição de poemas machadianos. A parte deslocada deve começar, na segunda linha, na posição onde ficaria se estivesse na linha da primeira parte do verso. As mais recentes edições do poema, a da *Obra completa* da Aguilar e as preparadas por Cláudio Murilo Leal e Rutzkaya Reis, parecem interpretar a parte “Deus continha” como um hexassílabo, dando a ele o mesmo tratamento gráfico (a entrada) dispensada aos versos realmente de seis sílabas (cf., respectivamente, ASSIS, 2015, v. 3, p. 392; ASSIS, 2012, p. 58; ASSIS, 2009, p. 43).

Passando agora à pergunta “para que a edição de machado?”, eu citaria em primeiro lugar aquilo que já foi definido por Antonio Dimas, em citação reproduzida nesta conferência, como “função social” da universidade. Poderia também usar a

expressão que nos lembra tanto Antonio Candido, o “direito à literatura”. Antes de pesquisadores da obra de Machado de Assis, somos muitos de nós leitores apaixonados, desejosos de que o acesso a tantos textos essenciais de nossa literatura seja cada vez mais fácil e melhor. Pensar que nosso trabalho contribuirá para o direito à literatura é por si só gratificante.

Chegamos, enfim, à pergunta “para quem?”. Em duas citações já feitas, as de Autran Dourado e a de Jean-Michel Massa, Machado de Assis é visto como escritor farol (é a expressão de Massa) ou como escritor nacional (é a expressão de Dourado), assim como Shakespeare na Inglaterra, Camões em Portugal, Dante na Itália, Mickiewicz na Polônia, entre vários outros exemplos que poderiam ser citados. A literatura machadiana pode ser entendida, portanto, como um patrimônio do povo brasileiro, e é direito de todos terem acesso a esses textos. As melhores – ou pelo menos mais completas – edições de Machado hoje disponíveis são geralmente bem caras, distantes da realidade financeira de boa parte da população. O Ministério da Educação já dispõe de um *site* com a obra eletrônica de Machado, mas, embora útil, não apresenta um texto satisfatório. E se nos perguntamos para quem são as edições, devemos pensar, também, no conceito de inclusão. Dessa forma, é importante que sejam incentivadas edições em “audiolivro” e em braile.<sup>5</sup>

A edição bem cuidada também é útil ao crítico literário. Nem todos os estudiosos têm a paciência, a curiosidade ou as condições próprias de investigar a história editorial de determinado texto, providenciar fac-símile da fonte primária, seja o manuscrito ou a publicação em periódico. César Nardelli Cambraia, em seu livro de introdução à crítica textual, cita o exemplo do crítico Costa Lima, que desenvolveu uma interpretação equivocada de determinado poema de Carlos Drummond de Andrade, possivelmente em razão de ter usado em seu ensaio uma edição não confiável do poeta – Costa Lima não informa em seu texto qual edição utilizou. (cf. CAMBRAIA, 2005, p. 22).

Gostaríamos de concluir essa fala pensando nas possibilidades tantas que a *Machadiana Eletrônica* nos oferece, além do fato de comportar edições as mais diversas, como anotadas, ilustradas, fac-similares, etc. Essa revista, como já disse, pretende ser um novo capítulo nessa história tão interessante da edição de Machado de

---

<sup>5</sup> Uma excelente iniciativa foi a gravação de disco com contos de Machado de Assis narrados por Letícia Malard, José Américo Miranda, Luís Carlos França e Mauro Rosa – cf. ROSA (Dir.), 1999.



Assis. Gosto de pensar que estamos realizando, também, um sonho do jovem Machado de Assis, que, no texto “O jornal e o livro” (*Correio Mercantil*, 1859), mostra o quanto o jornal, a publicação periódica em si, tem muito de democrático: “O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.” Gosto de pensar que qualquer leitor bem-intencionado poderá deixar sua marca na *Machadiana Eletrônica*, seja corrigindo o texto publicado, seja acrescentando informações. Como a edição prioritária da revista é o chamado “texto fidedigno”, não a edição crítica propriamente dita, que exige um conhecimento especializado, uma experiência que a grande maioria de nós não tem, parcela expressiva dos leitores poderá vir a trazer contribuições para a *Machadiana*. Evidentemente, acolheremos com grande alegria edições críticas quando elas aparecerem, bem como edições genéticas, diplomáticas, fac-similares, todas quantas possam nos ajudar a conhecer melhor e a ler melhor a obra de Machado de Assis.

O trabalho de edição de Machado de Assis, se pensarmos na obra efetivamente completa do escritor, deve ser coletivo. O primeiro número da *Machadiana Eletrônica* tem, até o momento (27 de novembro de 2017) – é uma publicação *ahead of print*, ou seja, novos textos serão acrescentados e o número será fechado apenas em junho de 2018 – cinco textos publicados em edições fidedignas.<sup>6</sup> Se levarmos em consideração, para um cálculo aproximado, o número de 1286 trabalhos elaborados por Machado no decorrer de sua vida, número dado por Galante em sua preciosa *Bibliografia*, vemos o quanto temos de trabalho pela frente: mantendo esse ritmo, e dois números da revista por ano, seriam necessários mais de 100 anos para termos toda a obra machadiana em edição fidedigna! Precisaremos, portanto, ampliar o número de trabalhos publicados por volume da revista – sem esquecer que a qualidade deverá sempre a prioridade – e, conseqüentemente, precisaremos da colaboração do maior número de interessados possível. Termina a minha fala com esse convite. Como disse certa vez John Gledson, por *e-mail*, “o processo de editar é a sua própria recompensa”. A edição nos aproxima de uma tal forma do texto que favorece a intimidade com ele. E esse é um dos maiores prazeres que a literatura pode nos proporcionar.

---

<sup>6</sup> Na versão final do v. 1, n. 1, da *Machadiana* (jan.-jun. 2018), são oito os textos de Machado de Assis publicados.

Mãos à obra!

Muito obrigado pela atenção.

## Referências

A LITERATURA BRASILEIRA na Sorbonne. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, n. 20.682, p. 9, 27 ago. 1960. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_07/9088?pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/9088?pesq=)>. Acesso em: 19 nov. 2017.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*: edição anotada; recepção crítica. Org. e fixação dos textos por Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin; Edusp, 2009.

ASSIS, Machado de. *O Futuro*. Org., introd. e notas de Rodrigo Camargo de Godoi. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2014.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 1. ed., 11. reimpressão. Org. por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. v. 3.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. 3. ed. Org. de Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. 2. ed. Org. e prefácio de Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BECHARA, Evanildo. Antônio José Chediak – *in memoriam* (1916-2007). *Anais da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, p. 22-24, jan.-jun. 2007. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/media/ANAIS%20DA%20ABL%20-%20ANO%202007%20-%20VOL%20193%20-%20MIOLO%20-%20para%20internet.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2018.

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Trad. de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. Título original: *Genius: a mosaic of one hundred exemplary creative minds*.

CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Leitura e crítica).

COMO PRONUNCIAVA Machado de Assis. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, n. 20.646, p. 9, 16 jul. 1960. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_07/7432?pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/7432?pesq=)>. Acesso em: 19 nov. 2017.

COUTINHO, Afrânio. Nota editorial. Organização da presente edição. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. 9. impressão. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 1, p. 11-18.

DOURADO, Autran. *Gaiola aberta: tempos de JK e Schmidt*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.

ESCRITOR confirma o terror cultural. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 21.949, p. 3, 22 out. 1964. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_07/56688?pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/56688?pesq=)>. Acesso em: 19 nov. 2017.

GLEDSON, John. A história das edições das crônicas machadianas. In: ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas. Seleção, introdução e notas por John Gledson*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. p. 313-319.

GLEDSON, John. As obras de Machado de Assis: um guia rápido. In: \_\_\_\_\_. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 32-34.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Machado de Assis inédito e atual. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 29, n. 83, p. 335-338, jan.-abr. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v29n83/0103-4014-ea-29-83-00335.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2018.

JUSTIÇA dará a última palavra sobre direitos autorais de Machado de Assis. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 20.085, p. 7, 17 set. 1958. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_06/96502?pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/96502?pesq=)>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

MARQUES, Wilton José. As primeiras incertezas, o profeta machadiano e o malogro do primeiro livro. *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 11-33, dez. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1983-682120169192>>. Acesso em: 9 dez. 2017.

MASSA, Jean-Michel. A década do teatro: 1859-1869. *Cadernos de literatura brasileira*, São Paulo, n. 23-24, p. 219-239, jul. 2008. Disponível em: <[https://issuu.com/ims\\_instituto\\_moreira\\_salles/docs/clb\\_-\\_machado\\_de\\_assis\\_-\\_geral/3?e=2120050/5468730](https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_-_machado_de_assis_-_geral/3?e=2120050/5468730)>. Acesso em: 8 ago. 2016.

MEYER, Augusto. Visão brutal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 20.517, p. 8, 13 fev. 1960. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/cache/2525502979855/I0001572-20Alt=001972Lar=001330LargOri=004503AltOri=006678.JPG>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

ROSA, Mauro (Dir.). *Machado de Assis em audiolivro: dois CDs com alguns dos melhores contos de Machado de Assis*. Belo Horizonte: Opera Prima, 1999.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da *et al.* Edições e reedições do centenário. *Machado de Assis em linha*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 33-66, dez. 2009.

SILVA, José Pereira da. A Comissão Machado de Assis e a crítica textual no Brasil. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/machado\\_de\\_assis/A%20Comiss%C3%A3o%20Machado%20de%20Assis%20e%20a%20cr%C3%ADtica%20textual%20no%20Brasil.pdf](http://www.filologia.org.br/machado_de_assis/A%20Comiss%C3%A3o%20Machado%20de%20Assis%20e%20a%20cr%C3%ADtica%20textual%20no%20Brasil.pdf)>. Acesso em: 19 nov. 2017.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955.

VÁRIAS. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, n. 21.112, p. 2, 23 jan. 1962. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_07/25937?pesq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/25937?pesq=>)>. Acesso em: 19 nov. 2017.